

O POLISSISTEMA LITERÁRIO IDENTIFICADO POR EVEN-ZOHAR

Ubiratan Paiva de Oliveira

RESUMO: *Even-Zohar suggests the existence of a literary polysystem arising from the interrelation between primary and secondary systems which would act synergistically. The present article comments some of the aspects brought up by the critic, trying to clarify them through the use of examples not only from the possible interrelation between diverse means of artistic expression, but also from influences that external factors may bring to the arts. Making use of a comparison with Antonio Candido's notion of the literary system, the article discusses the positive points raised by Zohar as well as its shortcomings.*

PALAVRAS-CHAVE: *sistema literário, polissistema, primário, secundário, canonizado, não-canonizado, inter-relacionamento, influências.*

Por ser o sistema literário um fenômeno heterogêneo, ou seja, um sistema de sistemas, o israelense Itamar Even-Zohar propõe a idéia de que ele seria, na realidade, um polissistema que conteria em seu interior várias subdivisões. O autor expõe suas idéias em dois artigos: *The function of The Literary Polysystem in The History of Literature* e *The Relations between Primary and Secondary Systems in The Literary Polysystem*. O presente trabalho tem por objetivo comentar aspectos contidos em tais artigos, procurando esclarecê-los, acrescentar dados que possam vir a ajudar a tornar alguns pontos mais claros e, sempre que possível, incluir exemplos relativos à literatura brasileira, os quais venham a enquadrar-se nas teorias expostas por Even-Zohar.

Em um primeiro momento, pretendemos estabelecer um paralelo entre a noção de polissistema proposta e a de sistema, segundo Antonio Candido. A seguir, procuraremos ilustrar alguns fenômenos sugeridos nos artigos tanto com exemplos neles contidos, porém com mais detalhes, como procuraremos fornecer novos exemplos das situações expostas no texto. Procuraremos salientar pontos que consideramos positivos, da mesma forma que procuraremos levantar dúvidas que se fizerem necessárias, concluindo com uma opinião sobre a validade ou não da proposta de Even-Zohar.

Na introdução à sua obra *Formação da Literatura Brasileira*, Antonio Candido procura estabelecer a distinção entre meras manifestações literárias e literatura propriamente dita, definindo a última como sendo "um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes de uma fase." (CÂNDIDO, *Formação da Literatura Brasileira*, p. 23)¹ Os denominadores comuns seriam um conjunto de pessoas que se constituiriam nos produtores literários, os receptores (o público) e um mecanismo transmissor ligando-os entre si. Salienta pois o autor que, embora a obra literária seja sempre única e pessoal, na medida em que ela não alcançar ressonância, não tornar-se coletiva através da aceitação de um público, tal obra não existirá como literatura.

Em seus artigos sobre o polissistema literário, Itamar Even-Zohar não se ocupa em definir sistema, porém parece-nos claro poder aplicar o conceito usado por Antonio Candido quando aquele autor usa o referido termo. O que o crítico brasileiro não faz, porém, é entrar no terreno complexo da existência de mais de um sistema atuando lado a lado, o que vai constituir o polissistema, ou seja, um sistema de sistemas. Antonio Candido obviamente não estava preocupado com isso quando escreveu *Formação*, obra que se caracterizaria mais por apresentar os momentos decisivos para o desenvolvimento do que se poderia chamar sistema canonizado da literatura brasileira, se formos usar a nomenclatura proposta por Even-Zohar.

Há ainda mais um elemento que se faz necessário lembrar para que o conceito de sistema esteja completo e se enquadre perfeitamente no espírito do que é desenvolvido nos artigos sobre polissistemas. Voltemos a Antonio Candido:

Quando a atividade dos escritores de um dado período se integra em tal sistema, ocorre outro elemento decisivo: a formação da continuidade literária — espécie de transmissão da tocha entre corredores, que assegura no tempo o movimento conjunto, definindo os lineamentos de um todo. É uma tradição, no sentido completo do termo, isto é, transmissão de algo entre os homens, e o conjunto de elementos transmitidos, formando padrões que se impõem ao pensamento ou ao comportamento, e aos quais somos obrigados a nos referir, para aceitar ou rejeitar. Sem esta tradição não há literatura, como fenômeno de civilização. (FLB, p. 24)

Essa idéia de continuidade, que estava faltando para que a noção de sistema estivesse completa, é uma das preocupações centrais de Even-Zohar ao expor sua teoria sobre polissistemas. Podemos considerar sistema segundo o estabelecido por Antonio Candido, apenas ampliando sua noção

¹Todas as demais referências a esta obra aparecerão no texto sob a abreviação FLB.

ao admitir a possibilidade da co-existência e inter-relacionamento com outros sistemas, idéia que também está presente na obra do crítico brasileiro. Em *Literatura e sociedade*, Antonio Candido estabelece a distinção entre o que ele chama arte de agregação e arte de segregação, condicionando a própria sobrevivência da arte à existência de um equilíbrio entre ambas:

A primeira se inspira principalmente na experiência coletiva e visa a meios comunicativos acessíveis. Procura, neste sentido, incorporar-se a um sistema simbólico vigente, utilizando o que já está estabelecido como forma de expressão de determinada sociedade. A segunda se preocupa em renovar o sistema simbólico, criar novos recursos expressivos e, para isso, dirige-se a um número ao menos inicialmente reduzido de receptores, que se destacam, enquanto tais, da sociedade. (CÂNDIDO, *Literatura e sociedade*, 1985, p.13)²

A distinção feita por Antonio Candido aproxima-se daquela feita por Even-Zohar entre sistemas canonizado e não-canonizado, o primeiro preocupado em evoluir renovando-se, ao passo que o último tenderia a ser menos receptivo à mudança, pendendo para o que ele chama de petrificação, ou seja, a utilização de fórmulas já consagradas em busca de uma mais fácil aceitação por um público menos exigente: "...while new procedures and initiatives are encouraged in primary activities, secondary ones demand maximum perseverance of sanctioned patterns". (EVEN-ZOHAR p. 14)³

Essa idéia de mudança, de renovação, está presente no centro das preocupações de Even-Zohar no que diz respeito às relações entre os integrantes de um polissistema. Também nesse aspecto seria interessante estabelecer uma aproximação entre o crítico israelense e Antonio Candido, no que diz respeito à dialética existente entre a arte e a sociedade ao estabelecerem-se influências recíprocas. Antonio Candido chama a atenção para o fato de que as forças sociais muitas vezes conduzem o artista à realização de uma determinada obra em um certo momento. A atitude tradicional era de considerar apenas esse tipo de influência unilateral, porém

...vem-se esboçando na estética e na sociologia da arte uma atenção mais viva para este dinamismo da obra, que esculpe na sociedade as suas esferas de influência, crie o seu público, modificando o comportamento dos grupos e definindo relações entre os homens". (LS, p. 74)

Even-Zohar cita vários exemplos de mudanças introduzidas por escritores, as quais, em um primeiro momento, provocaram fortes reações da

² Todas as demais referências a esta obra aparecerão no texto sob a abreviação LS.

³ Itamar Even-Zohar. "The Relations between Primary and Secondary Systems in the Literary Polysystem". Todas as demais referências a esta obra aparecerão no texto sob a abreviação EZ.

sociedade ou desorganização dentro de um sistema literário dominante. Seriam tais utilizações de elementos alheios a esse sistema, a materialização da atividade do artista moldando seu público e a própria sociedade. Se tais modificações foram, na época, consideradas escandalosas, elas foram gradativamente sendo mais e mais aceitas até verem-se completamente integradas no sistema principal.

Podemos citar exemplos mais recentes de mudanças introduzidas no sistema canonizado, além dos casos citados de Baudelaire, Flaubert e Zola. Na literatura inglesa, tivemos o caso do romance *O Amante de Lady Chatterley*, de D. H. Lawrence que, por utilizar descrições à época consideradas exclusividade da literatura pornográfica, foi mantido sob proibição durante muitos anos. O mesmo aconteceu com *Ulisses*, de James Joyce.

Mais recentemente, podemos citar, no campo cinematográfico, duas obras que abriram caminho para profundas mudanças ao fazerem uso de aspectos até então considerados como pertencentes a um sistema dito secundário. O filme *Amantes*, de Louis Malle, no final dos anos cinquenta, provocou fortes reações pelo fato de apresentar cenas até então reservadas para obras pornográficas. Visto hoje, o filme revela-se de uma pureza, de uma sensibilidade que muitos não puderam perceber quando de seu lançamento, por não estarem preparados ainda para receber o impacto de tais novidades.

O outro exemplo cinematográfico é atualíssimo. Trata-se do filme *Henry e June*, em que, novamente, cenas consideradas como sendo propriedade exclusiva do cinema pornográfico serviram de estopim para reações contrárias por parte de parcelas mais conservadoras.

Neste caso, tivemos um acontecimento muito interessante que exemplifica de maneira muito clara a idéia de renovação que um sistema não-canonizado possa vir a trazer para um sistema dominante. O fato deu-se nos Estados Unidos, onde os filmes são classificados de acordo com um sistema de letras que os recomenda para um determinado tipo de público. Com *Henry e June* surgiu um impasse: o filme, embora não preenchendo totalmente as condições para que fosse considerado pornográfico, fatalmente seria classificado como tal, eis que nenhuma das outras cotações existentes eram consideradas adequadas à obra. A solução foi criar uma nova cotação e usá-la, pela primeira vez, na classificação de *Henry e June*.

É ainda Antonio Candido quem nos chama a atenção para a influência exercida pelo jornal, não apenas sobre a literatura, como também sobre outras artes:

Todos sabem (...) a influência decisiva do jornal sobre a literatura, criando gêneros novos, como a chamada crônica, ou modificando outros já existentes, como o romance. Com a invenção do folhetim romanesco por Gustave Planche, na França, no decênio de 1820, houve uma alteração não só nos personagens, mas no estilo e técnica narrativa. É o clássico

romance de folhetim, com linguagem acessível, temas vibrantes, suspensões para nutrir a expectativa, diálogo abundante com réplicas breves. Por sua vez, este gênero veio a influir poderosamente, quase um século depois, sobre a nova arte do cinema, que se difundiu em grande parte, na fase muda, graças aos seriados, que obedeciam mais ou menos aos mesmos princípios, ajustados à tela. (LS, p. 33)

Fica aqui bem claro o inter-relacionamento existente entre os mais diversos tipos de expressão artística, as influências renovadoras que uns podem vir a exercer sobre outros, bem como a influência que fatores externos possam trazer à produção artística. Evidente também fica como formas não-canonizadas possam vir também a influir sobre outras, dominantes ou não. Podemos aqui estabelecer a relação entre o que afirma Antonio Candido com a passagem em que Even-Zohar se refere à literatura de massa e sua aceitação pela ciência literária, mencionando especificamente “*journalese semi-literary texts*” (EZ, p. 14).

Ainda relacionado com a influência exercida pela imprensa, Even-Zohar chama a atenção para o fato de Dostoievski e Charles Dickens terem usado elementos da chamada *subcultura* da época, ao invés de desprezá-la, possibilitando a renovação da literatura canonizada pela utilização daqueles elementos. Flagrantemente sentimental por vezes, de tal modo que algumas de suas obras aparecem hoje envelhecidas, embora outras permaneçam, na verdade, ao utilizar elementos não-canonizados, Dickens acabou por trazer um novo alento à arte de seu tempo. Outra fraqueza de seus romances, a estrutura de seus enredos, pode ser diretamente atribuída ao fato de serem escritas para publicação seriada. Às vezes o autor tinha pouca idéia do que viria a seguir quanto seus leitores. Um outro aspecto em que fica evidente a presença do aspecto não-canonizado é o uso de estereótipos, típico da literatura periférica e que permanece sendo considerado um motivo para críticas à sua obra. É que ao delinear personagens, sua tendência era de exagerar os traços e carregar nas cores, o que fazia com que suas criações constantemente se equilibrassem na fronteira entre o aceitável e a caricatura.

David Daiches confirma vários dos aspectos acima mencionados, de tal forma reiterando a afirmação feita por Even-Zohar, bem como acrescenta outros exemplos da utilização feita por Dickens de elementos pertencentes ao sistema não-canonizado:

With Charles Dickens (1812-70), journalism and melodrama are gathered into the novel to give it new life and a new and important place in middle-class entertainment. If he learned something from eighteenth-century novelists, especially Smollett, he learned even more from his own circumstances and observation, combining an extraordinary relish for the odd, the

colorful, and the dramatic in urban life and in human character...
(DAICHES, 1979, p. 1050)

Até aqui foram citados vários exemplos da infiltração de elementos de uma literatura não-canonizada em um sistema dominante. Todos eles pertencentes a fenômenos que tiveram lugar em literaturas estrangeiras. Passemos pois a examinar um exemplo acontecido na literatura brasileira.

- Modernismo, talvez o fenômeno mais importante na evolução de nossa literatura, constitui-se em um marco de nossa independência cultural em relação a Portugal. Na realidade, o sentimento de inferioridade em relação à antiga metrópole nem sequer é cogitado pelos modernistas, que rompem uma série de barreiras as quais emperravam todos os tipos de manifestações artísticas em nosso país. A magnitude das mudanças é tamanha que resulta na superação de uma série de aspectos até então considerados como sendo deficiências nossas, não apenas no terreno artístico, como social e étnico. Nossa natureza passa a não mais precisar ser decantada como bela, o mulato e o negro são integrados como temas dignos, o primitivismo passa a ser visto como fonte de beleza:

Mário de Andrade, em *Macunaíma* (a obra central e mais característica do movimento), compendiou alegremente lendas de índios, ditados populares, obscenidades, estereótipos desenvolvidos na sátira popular, atitudes em face do europeu, mostrando como a cada valor aceito na tradição acadêmica e oficial correspondia, na tradição popular, um valor recalcado que precisava adquirir estado de literatura. (LS, p. 120)

Antonio Candido deixa bem claro dessa forma, a multiplicidade de fatores sócio-literários que estão presentes no processo de produção e evolução literária, e a magnitude do Movimento de 1922, o qual vem trazer um sopro renovador à arte brasileira, justamente pela valorização de aspectos anteriormente deixados à margem do sistema dominante.

Um aspecto que nos pareceu contraditório na teoria exposta por Even-Zohar é aquele referente ao resultado de suas observações de vários gêneros de literatura não-canonizada: "no literary structures on any level were ever adopted by the non-canonized system before they had become common stock of the canonized one" (EZ, p.17). Depois de haver declarado que em situações de impasse na literatura canonizada, esta se utiliza da literatura não-canonizada para renovar-se e fugir da petrificação, parece-nos que tal declaração vem de encontro às constatações anteriores, quando o autor cita os exemplos da introdução por Flaubert, Baudelaire e Zola de elementos do sub-sistema não-canonizado da literatura erótica e pornográfica. Ou então, quando se refere ao fenômeno acontecido com a

literatura hebraica, a qual veio a renovar-se através da utilização de uma literatura em outra língua que lhe serviu de sistema não-canonizado. Ora, se o sistema não-canonizado limita-se a adotar estruturas que anteriormente foram utilizadas pelo sistema canonizado, apenas simplificando-as, parece-nos difícil que ele possa vir a servir de elemento revitalizador desse sistema. Da maneira que Even-Zohar estabelece essa precedência da utilização de técnicas pela literatura canonizada, parece-nos que se estabelece um círculo vicioso, pois se a literatura não-canonizada espera a adoção de novidades pelo sistema dominante, ao influir sobre a mesma em um momento posterior, estará devolvendo aquilo que recebera anteriormente. A menos que a simplificação seja a maneira de renovação. Cabe então a indagação se tal simplificação acontece sempre e se, uma vez voltando ao sistema canonizado, ela sempre resultará em algo positivo. No entanto, os exemplos citados não sugerem fatos positivos. Antes pelo contrário, pois ao citar o pequeno número de nuances diferenciadores dos registros lingüísticos de personagens e os *ingredientes* geralmente exigidos por editores, está o crítico fornecendo dados que dificilmente poderão vir a atuar positivamente em um processo de renovação artística. Deixa ainda transparecer Even-Zohar um certo preconceito com relação a tais fatos, muito embora sua afirmação de que apenas esteja usando termos técnicos.

Even-Zohar finaliza tratando brevemente dos casos da literatura infantil e da literatura em tradução e afirmando a não-obrigatoriedade de que as mesmas venham a fazer parte do sistema não-canonizado. Ele não pretende esgotar o assunto, deixando para outra ocasião um tratamento mais aprofundado de tais aspectos. No caso da literatura infantil, somos levados a fazer a seguinte indagação, referentemente a um acontecimento específico da literatura brasileira: ao escrever *Ou isto ou aquilo*, um magnífico livro de poesias destinado ao público infantil, estaria Cecília Meireles praticando um tipo secundário de literatura? Parece-nos justamente o contrário: ela não só renova sua poesia com elementos ditos não-canonizados, como traz para o terreno da literatura dominante a renovação de seu público, o que virá garantir a continuidade tão necessária para a manutenção do sistema.

No que diz respeito à tradução, poderiam ser citados vários exemplos de traduções publicadas em nosso país e que certamente tiveram um papel importante em nosso sistema. Basta citar o caso da tradução de *Ulisses*, de James Joyce feita por Antonio Houaiss, a qual certamente exerceu uma influência importante ao trazer para um público maior as inovações literárias introduzidas pelo autor irlandês e certamente influenciando na formação das novas gerações de escritores. Um outro exemplo anterior seria a tão decantada *Biblioteca dos Séculos*, da Editora Globo, com a publicação de clássicos da literatura universal com traduções feitas por gente do porte de Érico Veríssimo e Mário Quintana, entre outros. Tratam-se de traduções que dificilmente poderiam ser relegadas a um lugar secundário em nosso sistema.

Por tudo que foi examinado até aqui, entendemos ser a idéia de polissistema e as conseqüentes relações inter-sistemas como propostas por

Even-Zohar algo bastante positivo. O polissistema é um conceito que vem ampliar os horizontes do estudioso da literatura e da arte em geral, abrindo novos campos de investigação, derrubando preconceitos ao levar em consideração tipos de produção artística ou semi-artística até bem pouco consideradas como sendo de segunda ordem e, conseqüentemente, indignos de uma maior atenção. Como o próprio Even-Zohar reconhece, muita pesquisa ainda se faz necessária para que as relações entre os inúmeros sistemas literários sejam convenientemente analisadas. No entanto, o caminho está aberto para que isso seja feito, e os artigos do crítico israelense cumprem seu papel como elemento provocador para que tal aconteça.

BIBLIOGRAFIA

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*, 4.ed. São Paulo, Martins, 1975.

_____. *Literatura e sociedade*. São Paulo, Nacional, 1985.

DAICHES, David. *A critical history of english literature*. London, Secker and Warburg, 1979, v. 4.

EVEN-ZOHAR, Itamar. The function of the literary polysystem in the history of literature. In: *Symposium on the theory of literary history*. Tel Aviv, Tel Aviv University, 1970, p. 11-13. Traduzido por Ubiratan Paiva de Oliveira.

_____. The relations between primary and secondary systems in the literary polysystem. In: *VIIIth Congress of the international comparative literature association*. Montreal-Ottawa, 1973, p. 14-20. Traduzido por Ubiratan Paivade Oliveira.